

## REALISMO MÁGICO E REAL MARAVILHOSO: UM ANSEIO DE AFIRMAÇÃO DA LITERATURA LATINO-AMERICANA

Bruna Carla dos Santos\*  
Erinaldo Borges \*\*

### *Resumo*

Este artigo aborda os conceitos de “realismo mágico” e “real maravilhoso”, apresentando os contextos de surgimento de ambos, suas aproximações e diferenças. Embora exponham fenômenos diferentes, é comum que esses conceitos sejam tratados como idênticos na crítica literária, gerando equívocos que levam a uma abordagem superficial. Por isso, este trabalho discorre sobre as feições que caracterizam o conceito de real maravilhoso, tal como é proposto por Alejo Carpentier, e o conceito de realismo mágico, proposto por Arturo Uslar Pietri. Nesta análise, aponta-se a concepção de realidade latino-americana presente em cada conceito, considerando-se o contexto de surgimento de cada um, bem como suas diferenças com relação ao realismo clássico e o surrealismo. Em seguida, apresentam-se exemplos em que os dois conceitos podem ser entendidos na obra *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez, e alguns desdobramentos.

Palavras-chave: Literatura. Realismo mágico. Real maravilhoso.

## RÉALISME MAGIQUE ET RÉEL MERVEILLEUX: UN DÉSIR D’AFFIRMATION DE LA LITTÉRATURE LATINO-AMÉRICAIN.

### *Resumé*

Cet article vise à aborder les concepts de “réalisme magique” et de “réel merveilleux”, en présentant les contextes d’émergence des deux, leurs approximations et leurs différences. Bien qu’ils abordent des différents phénomènes, il est courant que ces concepts soient pris comme identiques dans la critique littéraire, ce qui génère des malentendus qui conduisent à une approche superficielle. Par conséquent, cet article traite des facettes qui caractérisent le concept de réel merveilleux, tel qu’il est adopté par Alejo Carpentier, et la notion de réalisme magique, proposée par Arturo Uslar Pietri. Dans cette analyse nous soulignerons la conception de réalité latino-américaine présente dans chaque concept, en tenant compte le contexte d’émergence de chacun, ainsi que leurs différences par rapport au réalisme classique et au Surréalisme. Ensuite, nous soulignerons des exemples dans lesquels les deux concepts peuvent être compris à partir de l’oeuvre *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez, et nous soulignerons quelques déploiements.

Mots-clés: littérature; réalisme magique; réel merveilleux.

Recebido em: 12/02/2018  
Aceito em: 22/ 11/2018

\* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC Minas.

\*\* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Mestrando em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC Minas. Bolsista CNPq

Estabelecer conceitos para dizer o que é a literatura em qualquer contexto de produção literária, ou até mesmo distinguir processos e peculiaridades de determinada literatura, é tarefa sempre desafiadora, ainda que essencial para a ampliação do debate sobre as instâncias literárias e sua inserção na realidade. Essas questões são um dos caminhos que se abrem para que a percepção da literatura se afirme e se torne uma fonte de diálogo com todas as demandas que movimentam a sociedade da qual ela emerge. Segundo Antonio Candido (1989, p. 163), a literatura, em qualquer contexto de produção, pressupõe uma “liberdade extraordinária que transcende as nossas servidões”.

No entanto, essa liberdade está também ligada a situações humanas identificadas no espaço e no tempo que podem muito bem dialogar com a complexidade de elementos que formam a realidade cotidiana de determinada sociedade. Esse diálogo se concretiza na interação com as especificidades culturais, históricas, geográficas, políticas, etc. em instâncias presentes no texto literário, possibilitando imagens e ideias que ajudam na compreensão de uma realidade local, mas também na afirmação de uma literatura específica dentro da tradição maior. É tomando os elementos que emergem da realidade, presentes no texto literário, que podemos falar de uma literatura diferente de outra, capaz de se afirmar sem ser mera reprodução de modelos já consagrados, ainda que necessariamente a literatura seja intertextual e mantenha diálogo com todos os modelos conhecidos.

Na América Latina, uma das preocupações de vários críticos e escritores, desde que os países latino-americanos começaram a buscar independência política e cultural dos colonizadores europeus, foi estabelecer o que caracteriza a literatura latino-americana segundo a complexidade de temas presentes nas nossas diversas realidades, passando pela descoberta de nós mesmos, de nossas paisagens e de nossa cultura. Essa preocupação nasce principalmente do desejo de afirmação das nossas literaturas sem que elas fossem eternas reprodutoras passivas de tradições europeias. Nos países latino-americanos, principalmente a partir da primeira metade do século XX, esse anseio foi compartilhado por diversos teóricos e escritores, unindo suas diferentes visões na tentativa de se concretizar, na escrita, as práticas culturais observadas na América Latina, tomando o que lhe é singular como base de afirmação da literatura produzida aqui.

Foi desse anseio que surgiram os conceitos de “realismo mágico” e “real maravilhoso”. A noção de realismo presente nesses conceitos vem da ideia de que o ficcional dialoga com o real na sua forma de representar determinado objeto que já existe no cotidiano, mas ganha um trato próprio da linguagem literária, possibilitando um diálogo frutífero entre realidade e ficção. Foi dessa busca inicial pelo “real” do nosso cotidiano que esses conceitos possibilitaram muitas discussões voltadas para o entendimento das várias manifestações da natureza e das culturas na América Latina. A ideia de afirmação da literatura do continente é a marca maior desses conceitos, pois eles tentam mostrar uma feição da nossa literatura, tentando repensar seus vínculos com a Europa.

É importante ressaltar que não há consenso entre teóricos da literatura quanto à definição e distinção entre os dois conceitos. Embora eles sejam semelhantes, são distintos e apresentam maneiras diferentes de relacionar a produção literária com aquilo que se entende por real. A

história desses conceitos é outro ponto que separa enormemente o contexto de criação de um do outro, bem como o que eles tentam expressar quando são aplicados à literatura.

Segundo Alexis Márquez Rodrigues, o surgimento do termo realismo mágico ocorreu a partir de um erro de leitura da obra “Nach Expressionismus (*Magischen Realismus*)”, lançada em 1925 pelo alemão Franz Roh. O título se referia à manifestação do Expressionismo, mas o subtítulo, entre parêntesis, possibilitou interpretações que o próprio autor não pretendia, reforçando a ideia de magia presente no realismo. Após a publicação, em 1926, com o título “Realismo mágico. *Postexpresionismo*”, o que estava em segundo plano passou a ser destaque. Rodrigues afirma que não parecia estar nos planos de Roh associar a sua obra à criação de um novo movimento estético, pois ele até retira o subtítulo da obra, ao publicar outra edição em 1958. O termo “realismo mágico” de Roh se referia a pintores expressionistas e pós-expressionistas, como Picasso, Otto Dix, Georg Grosz, Marc Chagal, Paul Klee, Max Ernst (RODRIGUES, 1982a, p. 38).

O fato é que o conceito, ao migrar para a América Latina, no final dos anos 1940, se estendeu à literatura, e na atualidade se emprega exclusivamente vinculado ao fazer literário. No entanto, na literatura, o conceito se modifica semanticamente, vindo a figurar como um recurso de construção da narrativa literária. Tal como foi concebido para ser aplicado à realidade latino-americana, o conceito tenta valorizar nossas peculiaridades e características da vida cotidiana distintas daquelas constatadas na Europa, de tal forma que o “mágico” para nós é um modo de ser e não apenas um recurso de criação imaginativa.

Para o escritor venezuelano Arturo Uslar Pietri, o realismo mágico é um modo de fazer literatura que se afirma singular com relação aos modelos europeus, reproduzidos na América Latina desde o realismo do século XIX, passando pelo modernismo do século XX. Para Pietri, o realismo mágico consiste na percepção de uma realidade e de uma sociedade estruturadas por elementos diferentes daqueles que compõem as diversas nações da Europa. Apoiadas nessa percepção, as narrativas na América Latina já encontram aqui o material necessário para se desvincularem de modelos estrangeiros que concebem o “mágico” como algo restrito à imaginação. Na concepção de realismo mágico da América Latina não se abandona a realidade concreta para se criar outra realidade só possível no mundo da imaginação. Há uma percepção da realidade nos feitos e nas personificações mágicas do cotidiano: “Não era um jogo da imaginação, mas um realismo que refletia fielmente uma realidade até então invisível, contraditória e rica em peculiaridades e deformações, que a tornavam inusitada e surpreendente para as categorias da literatura tradicional” (PIETRI, s/d, p. 275).

Com base naquilo que pretendia Uslar Pietri, é possível dizer que o realismo mágico surgiu do anseio de afirmação de uma literatura que se voltasse para a realidade de onde ela emerge, evitando a repetição de modelos já consagrados por estéticas europeias. A própria definição do conceito pelo escritor venezuelano é sustentada pelo princípio de que a liberdade de imaginação e a apresentação de acontecimentos insólitos, como acontece nas narrativas fantásticas ou sobrenaturais, não são suficientes para caracterizar a nossa literatura, pois a nossa realidade já oferece, em si mesma, o elemento mágico que se mistura a elementos da realidade visível, percebida em sua concretude. Assim, o realismo mágico consiste em perceber

e apresentar a realidade como mágica (RODRIGUEZ, 1982), valorizando o seu estado normal e as peculiaridades que dão vida singular ao cotidiano.

O conceito de “real maravilhoso” foi criado pelo escritor cubano Alejo Carpentier, na tentativa de dar uma feição singular e própria para a realidade latino-americana tal como ela se configura e como pode se relacionar com a escrita literária. Para ele, o “maravilhoso” é o que caracteriza a nossa realidade e se oferece como algo inesperado e repentino entre os acontecimentos corriqueiros da vida, por isso está também ligado àquilo que é insólito e torna o cotidiano por vezes estranho, ainda que não traga muitas surpresas. Carpentier afirma que o “maravilhoso” pode ser visto nas coisas que se destacam em meio às coisas comuns que compõem a realidade. A percepção do maravilhoso pode se dar em qualquer espaço e em qualquer tempo, desde que o observador tenha “fé” no “milagre” que emerge da realidade. Na América Latina, a natureza, as culturas populares, e dados que fazem parte da história e do imaginário de vários povos, a mistura de etnias de várias partes do mundo, possibilitam uma história que pode ser percebida como a “crônica do real maravilhoso”. No prólogo para a sua obra “El reino de este mundo”, Carpentier descreve o “maravilhoso” como a percepção de algo totalmente inesperado que emerge da realidade cotidiana:

[...] o maravilhoso começa a sê-lo de maneira inequívoca quando surge de uma alteração da realidade (o milagre), de uma revelação privilegiada da realidade, de uma iluminação não habitual ou particularmente favorecedora das desconhecidas riquezas da realidade, de uma ampliação das escalas e categorias da realidade, percebidas com especial intensidade em virtude de uma exaltação do espírito que o conduz a um modo de “estado-limite” (CARPENTIER, s/d, p. 2).

É um conceito, portanto, que pretende, assim como o realismo mágico, apontar a especificidade da realidade abordada pela literatura latino-americana, que por sua própria configuração se afirmaria diferente daquela nascida na Europa. Mas, segundo o escritor cubano, o “maravilhoso” só pode ser percebido em qualquer espaço e em qualquer momento se o observador estiver dotado de uma “fé” no “milagre” que surge da realidade.

Segundo Rodriguez, esta definição de Carpentier coloca o maravilhoso interagindo entre “três dimensões: a Natureza, o Homem e a História” (RODRIGUEZ, 1982b, p. 46). Ele destaca que essa interação leva o “real maravilhoso” a ser pensado tanto pelos seus pontos de afirmação quanto de negação de elementos fundamentais para a formação de nossos povos. Por um lado, o maravilhoso pode estar insolitamente ligado ao belo, sendo positivo; por outro, pode ser associado ao sinistro, ao horrível e negativo, como é o caso de um vulcão ou outra catástrofe natural. Um fenômeno que faz parte da natureza pode resultar maravilhoso aos olhos de quem o contempla, mas pode também causar um quadro trágico para um grupo grande de pessoas. No caso do homem, Rodrigues observa que, enquanto este pode ser um herói e enaltecer a condição humana, pode também ser cruel e causador de muitos males que assolam a sociedade. Já a História se caracteriza por uma dualidade que consiste em engrandecer os acontecimentos e valores de um povo, mas, por outro lado, camuflar e jogar no esquecimento uma parte grande de acontecimentos e pessoas (RODRIGUEZ, 1982b).

Um ponto fundamental na elaboração do conceito, é que ele nasce de escritores latino-americanos que conhecem a sua realidade e pretendem se voltar a ela nas suas criações. Alejo Carpentier extrai a noção de “maravilhoso” depois de muitas discussões com Miguel Ángel Asturias e Arturo Uslar Pietri. O escritor conta, no prólogo do romance “El reino de este mundo”, que visitou o reino de Henri Christophe, no Haiti, em 1943, e viu as ruínas de Sans Souci e da Citadelle. O encantamento suscitado por essa viagem, associado às discussões com os amigos escritores, levou-o a pensar no “maravilhoso” como algo presente na realidade da América Latina. Nasce dessa constatação o conceito de real maravilhoso.

Carpentier mostra, no prólogo, como foi importante para os escritores a discussão de ideias sobre os rumos da literatura que eles produziam. Esses escritores tinham em comum a certeza de que era preciso voltar a atenção para a nossa realidade em toda a sua complexidade e singularidade, sem perder as tradições literárias que vêm da Europa, mas afirmando aquilo que é próprio de cada uma das culturas latino-americanas. Assim, havia a consciência de que estamos inseridos numa tradição maior formada por diversas culturas de várias partes do mundo, mas podemos nos afirmar partindo do nosso modo de existir e produzir literatura com uma feição totalmente latino-americana. Ao cunhar o conceito de real maravilhoso, Carpentier enfatiza a especificidade da literatura latino-americana a partir do momento em que ela se afirma livre dos modelos europeus e capaz de representar a nossa realidade repleta de riquezas escondidas.

Tanto o realismo mágico quanto o real maravilhoso podem ser considerados na análise de diversas obras da literatura latino-americana. Um exemplo para melhor entendimento desses dois conceitos é como a realidade é representada em alguns aspectos do romance “Cem Anos de Solidão”, do colombiano Gabriel García Márquez. Logo no início da narrativa, vemos alguns personagens que podem ser lidos de acordo com o que Carpentier enfatizava em relação à diversidade de culturas e histórias, apresentada na América Latina. Nos personagens do romance e nas situações que eles vivenciam, vemos concretizada uma abordagem da realidade característica de diversos lugares da América Latina, como, por exemplo, as repetidas chegadas dos ciganos em Macondo, sempre trazendo novidades insólitas para a pequena cidade. Além disso, Melquíades é um cigano como qualquer outro cigano, mas personifica o inesperado, o que acontece no mundo que a população de Macondo sonha conhecer, abrindo o leque para uma cidade em que “o mundo era tão recente que carecia de nomes (MÁRQUEZ, 2015, p. 7). Com suas costumeiras artimanhas de bom negociador, Melquíades apresenta aos moradores de Macondo coisas banais e, talvez, sem nenhuma novidade para outras partes mundo, mas capazes de provocar a imaginação de José Arcádio Buendía para desbravar outras visões de mundo e outras descobertas da realidade. Um ímã gigante, uma luneta, uma lupa, uma pedra de gelo são objetos que representam a novidade, o insólito, e despertam todos os pensamentos e criações imaginativas possíveis nos moradores de Macondo.

Além das novidades trazidas pelos ciganos a Macondo, outro ponto que caracteriza o inesperado na narrativa é a formação dos Buendía, sobretudo na forma como se deu o casamento entre Úrsula Iguarán, que era tataraneta de aragoneses, e José Arcádio Buendía, tataraneto de imigrantes espanhóis. A apresentação da descendência dos Buendía enfatiza o caráter inesperado do encontro entre os antepassados, apesar de ser uma prática comum e

aceita como normal naquele contexto: “a união destes dois era também o expoente de duas raças secularmente entrecruzadas” (MÁRQUEZ, p. 27). Mas o que está por trás dessa união é o contexto histórico marcado pela invasão do Riohacha, além de superstições, lendas e todo um imaginário presente na história da família Buendía, criando modos de vida que perpassam várias gerações, assumindo as coisas do cotidiano e um modo singular de vida que pode ser visto como uma metáfora da América Latina, tão diversa e rica em potencial criativo, como queriam mostrar Uslar Pietri, Ángel Astúrias e Carpentier ao se voltarem para o “mágico” e o “maravilhoso” que emergem da nossa realidade.

A obra de Gabriel García Márquez nos possibilita ver concretamente um desdobramento da afirmação da literatura latino-americana, como apontado de duas formas distintas pelos dois conceitos. Os conceitos abarcam a natureza, as culturas populares, as datas e os nomes que fazem parte da história e do imaginário de vários povos, a mistura de etnias de várias partes do mundo, a novidade brotada daquilo que compõe o cotidiano. Embora não seja possível enquadrar as narrativas literárias em um conceito, no que se refere a uma forma de expressão literária e às instâncias que a compõem, é possível pensar o “mágico” e o “maravilhoso” como pertinentes à realidade do continente latino-americano e percebê-los nas ações dos personagens, na configuração dos espaços e na noção de tempo e de acontecimento, que servem de fio condutor da narrativa de García Marquez, considerada a narrativa do continente latino-americano.

Na narrativa de “Cem anos de solidão”, tanto a descendência dos Buendía quanto seus feitos ao longo do tempo marcam a realidade como algo monótono que, contraditoriamente, se faz sempre inesperada e insólita, carregada de novidades. No episódio em que José Arcádio Buendía pega um ímã que o cigano Melquíades havia trazido e tenta transformá-lo em um objeto com poderes para além da sua utilidade, capaz de desentranhar ouro da terra, o que se vê é uma espécie de fracasso totalmente fértil na medida em que esta ação conduz a uma série de imaginações e buscas de descobertas. Na trama que envolve a chegada desse objeto trazido pelo cigano Melquíades e todo o seu desdobramento, é possível ver a misturas entre dados da realidade e a capacidade imaginativa que se dá na própria evidência do alargamento das fronteiras e das relações entre ambas.

Retomando os conceitos, é possível destacar algumas aproximações entre ambos, tal como foram elaborados e como são amplamente discutidos pela crítica: primeiramente, ambos se voltam para a realidade latino-americana em suas peculiaridades e características que se distinguem daquelas que possibilitaram os modelos literários europeus; em segundo lugar, são conceitos cunhados como forma de afirmação da nossa literatura dentro de uma tradição literária maior, distinguindo-se e destacando-se pela valorização daquilo que é nosso e que só seria possível aqui devido à natureza, à história, à formação da sociedade tal como se dá aqui, sem perder, no entanto, o diálogo com toda a tradição ocidental; por último, são conceitos nascidos de uma inquietação compartilhada por diversos autores que começaram a perceber a necessidade de produzir literatura alicerçada na realidade local, desvinculando-se dos modelos que até então eram copiados, por vezes, sem muita novidade. Os conceitos afirmam a possibilidade de se valorizar o vasto material cultural, social, geográfico, político,

religioso existente em toda a América Latina.

É possível ainda dizer que são dois conceitos que se distinguem em vários pontos: primeiramente, enquanto o “realismo mágico” se volta para os elementos que compõem a realidade e se mostram em sua normalidade, o “real maravilhoso” valoriza os fenômenos e acontecimentos que parecem provocar o estado considerado normal das coisas; um segundo ponto é que, no “realismo mágico”, o cotidiano da América Latina é visto como algo que se afirma repleto de “magia”, de acontecimentos insólitos, de peculiaridades que o tornam “mágico”, podendo ser percebido dessa maneira sem esforço, a todo momento, enquanto o “real maravilhoso” se volta mais para aquilo que se destaca do cotidiano, exigindo um esforço para ser percebido, pois não se dá a todo momento; em terceiro lugar, o “realismo mágico” pressupõe que qualquer observador possa perceber a “magia” que compõe a realidade nos diversos contextos latino-americanos, ao passo que o “real maravilhoso” pressupõe uma “fé” sem a qual nada pode ser percebido de extraordinário, de “maravilhoso”; por fim, o “realismo mágico” valoriza a regularidade dos elementos que compõem a realidade, enquanto o “real maravilhoso” valoriza o inesperado, o “milagre” que é capaz de alterar a regularidade das coisas.

O essencial é que tanto o “realismo mágico” quanto o “real maravilhoso” estão presentes nas narrativas de grandes obras da literatura latino-americana como forma de valorização da realidade cotidiana repleta de acontecimentos “mágicos” ou “maravilhosos”. Para trazer outros exemplos, além do romance “Cem Anos de solidão”, de Gabriel Garcia Márquez, referido em momentos dessa reflexão, podemos ainda citar as obras de grande importância para a afirmação da literatura latino-americana e que trazem em sua escrita as marcas que distinguem nossa realidade de outras culturas do mundo, como “O reino deste mundo”, de Alejo Carpentier, “O Aleph”, de Jorge Luís Borges, “O jogo da Amarelinha”, de Júlio Cortázar, “A casa verde”, de Mário Vargas Llosa, Pedro Páramo, de Juan Rulfo. É importante destacar que seria um erro classificar qualquer uma dessas obras estritamente por um único conceito ou limitá-las a uma teoria em detrimento das infinitas leituras que elas oferecem. No entanto, o que os escritores que cunharam os dois conceitos queriam era valorizar o abundante material oferecido pelo cotidiano, aproveitando-o com o suporte de uma nova concepção de escrita que essas obras apresentam de forma incontestável. A literatura latino-americana afirma-se, assim, na medida em que se volta para a sua própria realidade composta do encontro de muitos povos e culturas de diversas partes do planeta, extraindo dela o seu próprio modelo.

## REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- CARPENTIER, Alejo. Prólogo. In: **El reino de este mundo**. Disponível em: <[http://www.lahaine.org/amauta/b2-img/Carpentier%20\(EI%20reino%20de%20este%20mundo\).pdf](http://www.lahaine.org/amauta/b2-img/Carpentier%20(EI%20reino%20de%20este%20mundo).pdf)>. Acesso em: 11 jul. 2017.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. São Paulo: Editora Record, 2015.
- PIETRI, Arturo Uslar. Realismo mágico. In: **Biblioteca virtual Miguel de Cervantes**. s/d. p. 273-278. Disponível em: <[http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/nuevo-mundo-mundo-nuevo--0/html/ff6f6ef8-82b1-11df-acc7-002185ce6064\\_10.html](http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/nuevo-mundo-mundo-nuevo--0/html/ff6f6ef8-82b1-11df-acc7-002185ce6064_10.html)>. Acesso em: 11 jul. 2017.
- RODRIGUEZ, Alexis Márquez. Realismo mágico. In: RODRIGUES, Alexis Márquez. **Lo Barroco y lo real-maravilloso en la obra de Alejo Carpentier**. México: Siglo XXI Editores, 1982a. p. 36-43.
- RODRIGUEZ, Alexis Márquez. Lo real-maravilloso. In: RODRIGUES, Alexis Márquez. **Lo Barroco y lo real-maravilloso en la obra de Alejo Carpentier**. México: Siglo XXI Editores, 1982b. p. 43-51.